

PROPOSIÇÕES PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA ETNOSENSÍVEL EM UMA PAISAGEM URBANA

Marina Ramos Neves de Castro¹

Resumo

Neste texto procuraremos observar como nós, através de nossas percepções sensoriais, possuímos a faculdade de construir camadas e vestígios de sentidos em nossas vivências em nossos campos de pesquisa. Essas percepções sensoriais corroborariam por conformar uma escritura que delinea nossa forma de estar junto – seja do pesquisador em campo, seja do pesquisador em relação ao seu campo. Uma forma social conformada através dos sentidos (Laplantine 2017) e, também, através das sensações e percepções, ou ainda, das práticas que evocam uma socialização (Simmel 1983). Para tanto, partiremos da ideia de uma etnografia sensorial (Pink 2012) e da ideia de uma antropologia modal, proposta por Laplantine (2017). Também nos acompanha a reflexão de Favre-Saade (2012) sobre a não-neutralidade da antropologia nos seus processos de compreensão-interpretação. Essas reflexões têm por pano de fundo, ou fundamento, a fenomenologia de Merleau-Ponty (1945).

Palavras-chave: Antropologia modal; Etnografia sensorial; Fenomenologia; Socialização.

¹ Atualmente bolsista PNPB pelo PPGCOM-UFPA; Doutora em Antropologia pelo PPGA-UFPA; Mestre em Artes pelo PPGArtes-UFPA; Mestre em Estudos das Sociedades Latino Americanas pela Université IHEAL - Sorbonne Nouvelle. E-mail: mrndecastro@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

A ideia de uma etnografia sensorial surge no contexto do debate sobre reflexividade no campo, especificamente sobre a natureza reflexiva da etnografia. Essa ideia está presente em Rabinow (2012), no momento em que ele discute o sentido da ideia de “interpretação”, com suas nuances e transparências. Também em Favre-Saada (2012), quando a autora observa a “não-neutralidade” da interpretação da antropologia, e, ainda em Csordas (1990,1993), nas suas reflexões sobre os temas da empatia e da intuição, bem como sobre a “transmutação das sensibilidades”. Ainda está presente em Crapanzano (2012), por meio do seu debate sobre o “encontro” com a alteridade e sobre as “doze generalizações” da antropologia; em James Clifford (1983), na sua discussão sobre o caminho que o antropólogo faz entre a experiência e a interpretação.

Todos esses autores, em alguma medida, discutem a respeito da dinâmica intersubjetiva presente no campo etnográfico, observando que ela produz alguns fenômenos centrais na natureza da reflexão antropológica, fenômenos como empatia, intuição, emoções, encontro, polifonia e polissemias. Sugerem todos eles, também em alguma medida, que é necessário prestar mais atenção para os efeitos da sensorialidade e da percepção no processo da construção etnográfica.

Efetivamente trata-se, na verdade, da chegada, à reflexão antropológica, de um debate já importante no pensamento de Simmel (2006), Weber (2005) e na fenomenologia. Em relação a esta última, um debate presente na sua geral disposição interpretativas, particularmente, na fenomenologia “sensível” de Merleau-Ponty (1945[1994]).

A questão da sensibilidade é fundamental na obra de Merleau-Ponty. Ela se coloca no fundamento mesmo da sua reflexão, a partir da sua proposição geral de construir uma nova ontologia (*nouvelle ontologie*); ou melhor, uma nova possibilidade de alcançar e abordar o mundo da vida (*lebenswelt*) – conceito que, em fenomenologia, significa o mundo não metafísico: o mundo propriamente dito, no qual a vida humana ocorre. Merleau-Ponty pretende explorar o que seria o mundo humano – ou melhor, como o mundo é tomado pelos indivíduos – antes de toda operação reflexiva, a qual lança o homem em direção à metafísica. Efetivamente, assim, ele pretende explorar como o mundo é sentido.

Nas palavras de Silva (2012), Merleau-Ponty pretende “*desbravar uma experiência selvagem do sensível, do mundo em estado bruto e arcaico antes da reflexão*” (Silva 2012: 1). E esse percurso em direção a uma nova ontologia seria estruturalmente sensível, posto que perpassado por um investimento ontologicamente corporal e intercorporal.

Merleau-Ponty explora o logos do mundo sensível, que equivale a uma pragmática do mundo: o mundo conhecido através da sensorialidade do corpo. Porém, superando a perspectiva



psicológica clássica, que pensa nos sentidos como mediadores entre a consciência e o mundo natural, Merleau-Ponty procura perceber o encontro do indivíduo com esse mundo natural como um movimento de transcendência marcado pelo encontro, pelo contato. Por meio do seu copo, o homem experimenta o mundo. Mas o faz de forma paradoxal, porque esse experimentar o mundo se dá como um duplo movimento: não apenas o de encontrar e sentir o mundo por meio dos sentidos, mas, também, de projetar esse encontro por meio de figuras intencionais.

Como se sabe, a base da fenomenologia é a compreensão de que todo encontro com o mundo da vida – com o mundo da existência cotidiana – é um ato intencional. Intencionalidade seria o fundamento de todo fenômeno. Isso quer dizer que quando encontramos, sentimos algo do mundo, o fazemos com uma mente já carregada de expectativas, que faz com que cada coisa encontrada no mundo não seja algo “puro” de significações, mas sim como um prolongamento de si mesmo (Castro 2018).

Assim, é preciso dizer que quando menciono uma abordagem fenomenológico-arqueológica não busquei estritamente um método fenomenológico. E que, igualmente, não busquei uma explanação exaustiva do pensamento de Simmel para apontar o que vimos, para explicitar uma forma social qualquer – mesmo porque essa tarefa estaria, certamente, além de nossa competência e proposta, visto que, nosso trabalho não se enquadra em uma caixa de conceitos; mas ele utiliza instrumentos dessas antropologias e etnografias, assim como de outras disciplinas, para realizá-lo. Desta maneira, este trabalho enseja o labirinto onde "*o andarilho se submete, e fica à mercê daquilo que acontece*" (Ingold 2015: 29).

Em nosso entendimento a trilha etnográfica é sempre um labirinto, não obstante, o necessário horizonte de uma paisagem a apresentar – no caso das etnografias feitas para conformarem teses, dissertações, relatórios e prestações de contas de bolsas e projetos e outras paisagens afins.

Referências

Castro, M. R.N. 2018. *Socialidades e sensibilidades no cotidiano da feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto*. Tese de doutoramento. PPGA-UFPA.

Clifford, J. 1983. On Ethnographic Authority. *Representations*. No. 2 (Spring) pp. 118-146.

Crapanzano, V. 2012. *Les barkis. Mémoires sans issue*. Trad. de l'anglais (États-Unis) par Johan-Frédéric Hel Guedj. Collection Bibliothèque des Sciences humaines, Gallimard.

Csordas, T. J. 1990. Embodiment as a paradigm for anthropology in *Ethos* 18. pp. 5–47. DOI: 10.1525/eth.1990.18.1.02a00010.

_____. 1993. Introduction: the body as representation and being-in-the-world in Csordas, T.J. (ed.) *Embodiment and Experience: The Existential Ground for Culture and the Self*. Cambridge: Studies in Medical Anthropology. pp. 1–26.



- Favret-Saada, Jeanne. 2012. *Being Affected*. Trans. Mylene Hengen and Matthew Carey. HAU: Journal.
- Ingold, T. 2015. *O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015 O dédalo e o labirinto <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002> of *Ethnographic theory* 2 (1): 435–445.
- Laplantine, F. 2005 [2017]. *Le social et le sensible: introduction à une anthropologie modale*, Paris, Téraèdre, coll. «L'anthropologie au coin de la rue».
- Merleau-Ponty, M. 1994. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1945).
- _____. (2000). *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva (Original publicado em 1964).
- _____. (2002). *A prosa do mundo*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify (Original publicado em 1969).
- Pink, S. 2012. *Situating Everyday Life: Practices and Places*. London: SAGE. 176p.
- Silva, C.A.F. 2012. O retorno ao mundo da vida: Merleau-Ponty, leitor de Husserl. *Revista Filosófica de Coimbra*, 21:11-32.
- Simmel, G. 1983. *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*. Georg Simmel: sociologia. São Paulo, Ática, org. [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho.
- _____. (2006). *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.
- Weber, M. 2005. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Caret.

